

## Identities in transition: from teaching to management

### Identities in transition: from teaching to management

Gladir da Silva Cabral <sup>1</sup>  
Clarita Maria Torquato <sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho analisa, por meio de suas narrativas de vida, a trajetória profissional de duas professoras da região do extremo sul catarinense que passaram por um processo de transição entre a identidade docente e a atuação na gestão educacional. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas que foram gravadas e, posteriormente, analisadas. As principais referências teóricas são as contribuições de autores como Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Ecléa Bosi, Luciane S. S. Graziottin e Dóris Bittencourt Almeida, Clarícia Otto e António Nóvoa. Ao final do trabalho, verificou-se que a transição entre gestão e docência, para essas professoras, foi considerada uma experiência não planejada. Sendo assim, a construção da identidade docente e da identidade profissional de gestora foi se dando a partir das vivências, experiências e no decorrer do tempo histórico, de modo que ambas se constituem como docentes e gestoras, com a percepção de que não se pode dissociar essas identidades profissionais, pois se complementam.

**Palavras-chave:** Memória. Identidade. Trajetória docente.

**Abstract:** The present work analyzes the professional career of two teachers from the southern region of the state of Santa Catarina, who went through a process of transition between their teacher identity and their work in educational management. Semi-structured interviews were conducted, recorded and later analyzed. The main theoretical references are the contributions of authors such as Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Ecléa Bosi, Luciane S. S. Graziottin and Dóris Bittencourt Almeida, Clarícia Otto, and António Nóvoa. At the end of the study, it was verified that the transition between management and teaching was considered an unplanned experience for these teachers. Thus, the construction of the identity of the teacher and the professional identity of the manager was based on experiences and in the course of historical time, so that both are constituted as teachers and managers, and with the perception that these professional identities cannot be dissociated because they complement each other.

**Keywords:** Memory. Identity. Teaching career.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000) e professor da Universidade do Extremo Sul Catarinense, no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: gla@unesc.net.

<sup>2</sup> Graduada em Letras e Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2019). Trabalha no DH da Unesc. E-mail: cmt@unesc.net.

## Introdução

Este trabalho é o resultado da pesquisa feita para o Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), na linha de pesquisa Educação, Linguagem e Memória, e tem como tema a identidade e a memória na transição da docência para a gestão, na trajetória profissional docente de professoras da cidade de Criciúma. O trabalho pretende compreender como ocorreu a trajetória profissional das professoras pesquisadas na transição entre a identidade docente e a atuação na gestão da educação, a partir dos relatos de suas memórias.

Entre os objetivos específicos do trabalho, definimos os seguintes: 1) verificar, a partir dos relatos, se a experiência como professora contribuiu para a atuação na gestão em educação; 2) entender, a partir do olhar do gestor, como ocorreu a mudança da identidade; 3) analisar objetos de evocação de memória eventualmente utilizados nas entrevistas; 4) comparar e contrastar os depoimentos em busca de similaridades e diferenças.

Justifica-se este trabalho pela relevância do pensar crítico sobre a história recente de professores na cidade de Criciúma e da região sul de Santa Catarina ao revelarem parte da construção da história da nossa região. Além da preservação da memória dos educadores da nossa região, o trabalho possibilita refletir sobre a constituição da identidade profissional de professores, como ela se dá no contexto de uma narrativa autêntica de pessoas que vivenciaram a experiência de lecionar e de gerir a educação, conforme se demonstra na narrativa das professoras pesquisadas: Rose Margareth Reynaud Mayr e Vera Maria Silvestre Cruz.

### 1 A identidade profissional do professor

São muitos os estudos que tratam da identidade profissional docente. Com o filtro memória e identidade profissional docente, somam-se 1.144.147 (um milhão cento e quarenta e quatro mil e cento e quarenta e sete) pesquisas entre teses e dissertações. Isso significa que esse tema é de interesse de muitos pesquisadores e as pesquisas vêm contribuindo para a história desse saber, bem como para práticas e fazeres docentes.

Existem vários estudos que tratam do tema “identidade de professores e memória”, entre os quais se destacam, por exemplo, trabalhos como: a dissertação de mestrado de Neusa Teresinha Bohnen *A Jornada do Herói: a narrativa autobiográfica na construção da identidade profissional de professor*, defendida em 2011 na Universidade Federal de Goiás; o trabalho intitulado *Identidade(s) docente(s), o sujeito-professor e suas escol(h)as: memórias, dizeres e fazeres de uma prática pedagógica*, de Fernanda Aleixo Chuffi, apresentado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Unidade da USP e publicado em 2016; *A constituição da identidade profissional docente em contexto de diversidade: reescrevendo histórias de vida*, defendido em 2009 por Gláucia de Cássia Magalhães da Silva Cavaliere na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); *Memória e Identidade Social da Formação Docente em Rio de Contas-BA, nas décadas de 1920 a*

*1960: reminiscências das educadoras e educadores da Cátedra à Universidade*, tese de Shirlene Santos Mafrá Medeiros defendida em 2016 na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). No contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESC, dois trabalhos que merecem destaque são as dissertações: *“Que raio de professoras são essas?”: a representação da identidade docente nas obras de Fanny Abramovich e Ziraldo* (2017), de Leandro de Bona Dias; e a de Viviane Maria Candiotto *A construção identitária dos professores de dança clássica: um estudo sobre três artistas educadores*, defendida em 2016.

Para a realização deste trabalho, foram escolhidos como referências os autores Stuart Hall (2005) e Tomaz Tadeu da Silva (2013; 2014), tratando de identidade; Ecléa Bosi (1998), Grazziotin e Almeida (2012) e Clarícia Otto (2012), tratando de memória; e, ainda, António Nóvoa (2000), com o livro *Vida de professores*. Foram escolhidos esses autores por considerarem que o professor atua na formação de indivíduos que se constituem culturalmente e que constroem suas identidades a partir de sua cultura, sendo o professor um dos instrumentos dessa construção. Além disso, eles foram fundamentais na análise dos dados coletados durante a entrevista.

Assim, apresentam-se reflexões acerca da memória. E sobre isso, considera Clarícia Otto (2012, p. 24) que o ser humano, ao recordar, significa a sua memória, não somente a possui, pois, ao atribuir sentido, busca experiências, estando elas conectadas ao tempo e ao espaço (presente e passado). Por sua vez, Grazziotin e Almeida (2012, p. 97) pontuam que: “[...] os trabalhos com a memória, supõem um outro tempo (FORTUNA, 1997), ou seja, o tempo passado, mas têm suas âncoras no tempo presente. Portanto, o sujeito que narra o que viveu, faz uma narrativa baseada nos referenciais do momento presente”.

Ecléa Bosi (1998, p. 411) observa que, apesar de se dever à memória coletiva, “é o indivíduo que recorda. Ele é memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum”. Ela ainda salienta que “[a] memória do trabalho é o sentido e a justificação de toda uma biografia” (BOSI, 1998, p. 481). Portanto, a memória que se apresenta aqui é aquela pela qual o indivíduo reconstrói o seu vivido, principalmente aquele que significou fortemente para ele e que, de certa forma, o representa no presente. A memória é entendida como um processo construído e elaborado daquilo que foi vivido e que o narrador quer ensinar ou aconselhar, considerando sua visão atual no presente e, por isso, muito reflexiva. É, portanto, reelaboração, rememoração e ressignificação. Como pontua Maurice Halbwachs (1990), a memória não é uma tábua rasa, mas demanda ação ativa do sujeito que se lembra a partir de uma “semente de rememoração” que passa a germinar.

A memória do trabalho é escolhida, neste caso, por se tratar de trajetória profissional, e está ancorada em valores éticos e na subjetividade da pessoa que vivenciou aquela história e que decidiu contá-la a partir das lembranças construídas ao longo de sua história e que fazem parte de seu conjunto de memórias que dão significado à sua vida. Para Ecléa Bosi (1998), a memória do trabalho permite reconstruir

de forma positiva a impressão anterior, a partir de uma reconstrução narrativa, memórias que surgem como “paciente reconstituição”.

O conceito de identidade, aqui utilizado, foi elaborado principalmente a partir de Stuart Hall (2005), para quem a noção de sujeito pós-moderno se constitui dentro das incertezas, das mudanças e da fragmentação do mundo contemporâneo. Dessa forma, o sujeito tem sua identidade atravessada por várias forças, discursos e instituições, e essa identidade não é unificada nem coerente, mas constituída de uma multiplicidade de identificações que o sujeito vai assumindo de acordo com as posições que ocupa na sociedade e com os referenciais com os quais se identifica. O autor afirma que “[a] identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” e que “na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam”, a diversidade das identidades é ampliada e, por isso, poderíamos nos identificar com cada uma delas, pelo menos por um tempo (HALL, 2005, p. 13).

Conforme afirma Tomaz Tadeu da Silva (2014, p. 32), “todas essas mudanças e transformações [históricas e culturais] podem contribuir para que a identidade esteja em crise. A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito”. O autor argumenta que a identidade e a diferença só são compreendidas porque existem outros, ou seja, sou brasileiro porque não sou argentino, e ser brasileiro carrega várias significações que não são fixas e que, portanto, são indeterminadas – “[...] em suma a identidade e a diferença são tão indeterminados e instáveis quanto à linguagem da qual dependem” (2014, p. 80). Portanto, para ele, “a identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva” (2014, p. 81). No mundo globalizado, observa Stuart Hall (2005), as diferentes posições de sujeito produzem antagonismos. Portanto, a diferença implica certo tensionamento social. As posições não são equivalentes. O desafio dessa sociedade está na articulação das diferenças.

Neste trabalho, a identidade cultural é percebida como uma construção progressiva e permanente ocorrida durante a trajetória profissional vivida pelo professor, diante das dificuldades encontradas, das diferenças, dos outros “eus” com os quais teve de se relacionar, dos grupos sociais com os quais esteve vinculado, das posições de atuação enquanto docente e gestor, das políticas educacionais, da família e das mudanças ocorridas no mundo e na sociedade em que vivemos. Trata-se de uma identidade multifacetada, sempre em processo de construção que se dá nos termos descritos por Stuart Hall (2005), como uma história, uma narrativa do eu. Ainda que seja uma identidade individual, ela é construída no coletivo e nas semelhanças e diferenças encontradas durante o percurso da vida.

A identidade profissional é entendida como uma identidade que é transformada e transformadora, como um agrupamento de possibilidades, habilidades, atividades, percepções, sensações, ética, passado, valores e especificidades que podem tornar uma pessoa única e complexa em seus saberes e fazeres. Em suma, a identidade profissional é uma das dimensões mais fortes do ser humano enquanto participante de uma sociedade ou grupo, visto que é pelo trabalho que ele se

distingue e interage com outros. Neste sentido, considera-se que a identidade profissional docente é muito complexa e individual, apesar de construída no coletivo e em constante transformação; e pela sua característica de preocupação com o indivíduo, uma das mais altruístas e, portanto, inspiradora para todos.

## 2 O percurso metodológico da pesquisa

A profissão docente vem sendo estudada há muito tempo, e muitos trabalhos têm sido desenvolvidos sobre o tema, com diversas possibilidades e caminhos. Neste estudo, a profissão docente é o pano de fundo para entendermos a identidade docente que foi construída ao longo da história de vida de duas professoras.

Sendo esta uma pesquisa de natureza básica, numa abordagem qualitativa e com base nos objetivos. Para entendermos como foi a trajetória docente e como se construíram enquanto docentes, foram selecionadas duas professoras que já tinham se aposentado, por considerarmos que ao longo do tempo acompanharam diversas mudanças e momentos da educação no Brasil, em seu tempo de atuação docente.

Compreendendo a parcialidade do conhecimento, para atingir os objetivos desta pesquisa foi organizada uma entrevista semiestruturada que serviu de base para a condução da entrevista, na busca por memórias que ilustrassem e respondessem as indagações deste trabalho. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Ambas as pesquisadas, posteriormente à entrevista, enviaram arquivos de áudio, complementando informação que gostariam de incluir na entrevista. Tomamos como critério de escolha dos participantes da pesquisa, professoras que atuaram em escola pública e no ensino superior da UNESC, e que atuaram de alguma forma na gestão e no cenário político da região. Dessa forma chegamos aos nomes de Vera Maria Silvestre Cruz e Rose Margareth Reynaud Mayr.

A professora Vera Maria Silvestre Cruz nasceu em 13 de janeiro de 1947. Graduiu-se em Pedagogia pela Fundação Educacional de Criciúma (FUCRI), especializou-se em Fundamentos da Educação, Metodologia do Ensino Superior e Teoria Administrativa, e cursou Mestrado em Educação e Cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Foi docente na Escola Técnica General Osvaldo Pinto da Veiga (SATC) e no Colégio Madre Teresa Michel, no município de Criciúma (SC), atuando como coordenadora pedagógica geral. Na Secretaria de Educação e Cultura (SEC), atuou como professora e orientadora educacional na Unidade de Coordenação Regional 03/Criciúma – 3ª UCRE. Na Prefeitura Municipal de Cocal do Sul (PMCS), trabalhou como orientadora pedagógica, bem como no Colégio de Aplicação da UNESC, CAP/UNESC. Foi secretária de educação e cultura e secretária da ação social e da família na Prefeitura Municipal de Criciúma (PMC) em diferentes gestões administrativas. Foi professora e coordenadora do curso de Pedagogia da UNESC. Infelizmente, no final de 2020, a professora Vera faleceu por complicações em decorrência da Covid-19.

A professora Rose Margareth Reynaud Mayr é graduada em Pedagogia e possui Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na Associação Feminina de Assistência Social

(AFASC), Rose Reynaud atuou como professora, diretora do Centro de Educação Infantil Cônego Aníbal Maria Di França (AFASC), orientadora pedagógica das creches casulo da AFASC, auxiliar de direção e professora no Grupo Escolar São Defende. Foi orientadora pedagógica de educação pré-escolar, diretora do Projeto Casulo Santa Luzia (Educação Infantil) e coordenadora geral do Departamento de Educação Infantil da AFASC, em Criciúma (SC). Enquanto esteve na Legião Brasileira de Assistência Social (LBA), teve atuação como técnica na Associação Catarinense do Bem-Estar de Menor (FUCABEM); auxiliar de ensino dos CEBEMs (Centros do Bem-Estar do Menor). Atuou, ainda, na Escola de Educação Básica Madre Teresa Michel como coordenadora pedagógica e administrativa da educação básica. E foi secretária municipal de educação na Prefeitura Municipal de Criciúma de 2014 a 2016. Na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), atuou como professora no curso de Pedagogia, foi pró-reitora acadêmica, diretora de graduação, diretora do Colégio de Aplicação, coordenadora pedagógica do Colégio de Aplicação e gestora do Departamento de Recursos Humanos. E na Associação Empresarial de Criciúma (ACIC) desenvolveu atividades como Coordenadora de Projetos da Educação.

O roteiro das entrevistas teve como fio condutor as seguintes questões: 1) O que você lembra da professora que foi? 2) Como foi essa trajetória? 3) De que maneira ocorreu a sua transição da docência para a gestão da educação? 4) O que você lembra da gestora que foi? 5) Como foi essa trajetória? 6) Sua trajetória foi planejada ou simplesmente aconteceu? 7) Durante esse percurso houve muita mudança, muita transformação, muita adaptação? 8) Quais foram os principais desafios enfrentados durante essa trajetória? 9) Em que a experiência como professora contribuiu para a atuação da gestora? 10) Sente-se realizada em sua atuação profissional quando olha para trás? 11) Que coisas você mudaria em sua atuação?

Para verificarmos o alcance dos objetivos propostos na pesquisa, optou-se por analisar as respostas e as relações estabelecidas com estas, nas indagações e nas elocuições que emanaram durante as entrevistas. Para tanto, as questões da entrevista semiestruturada serviram como categorias de análise da pesquisa, por entender-se que dessa forma conseguiu-se obter um resultado que se direcione à questão-problema.

### **3 A trajetória de duas professoras**

A professora Vera Maria Silvestre Cruz trouxe consigo vários objetos que lhe traziam recordações do tempo de atuação profissional, bem como de sua formação. Esses auxiliaram a trazer à tona suas histórias, seus discursos, seus sentimentos e até a sua materialidade. São muito importantes para a professora e possuem um valor afetivo, de reconstrução da memória (BOSI, 1998), entendendo-se que a memória tem a competência de guardar e (re)lembrar vivências do passado, daquilo que já foi vivido anteriormente. Stuart Hall (2005) também realça a importância da elaboração da memória do passado para a construção da identidade no tempo presente.

Sobre o que lembrava da professora que foi, ela diz: “Eu acordava pensando nos meus alunos na melhor maneira de eles aprenderem” e conta que, quando dava aulas no Lapagesse, “tinha crianças que tinham

dificuldade em Matemática e eu as levava para minha casa. [...]. Elas iam lá para minha casa e eu ensinava lá”. Tal afirmação faz lembrar a constatação de António Nóvoa (2000) de que a identidade docente é um lugar de escolhas importantes e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. É um espaço de definição de como se sente essa profissão de professor.

A professora Vera conta que desde menina queria ser professora. “Nunca pensei em ser outra coisa que não fosse professora”. Por isso, cursou o Normal, que atualmente é conhecido como Magistério em nível de ensino médio, e começou a trabalhar no Colégio Michel, em Criciúma (SC). Fez concurso para trabalhar em escolas do Estado de Santa Catarina. Naquela época, segundo a professora, era possível dar aulas como concursada no Estado, sem ter concluído o segundo grau. Em 1970, cursou Pedagogia em duas habilitações, para supervisão escolar e orientação educacional e administração. Em 1973, começou a ministrar aulas na graduação na UNESC. Desta instituição, só saiu quando se aposentou em 2011.

A transição da docência para a gestão da educação não foi planejada: “Eu nunca pensei em gestão, surgiu”. Como tivera estudado no Colégio Michel, e depois passado a dar aulas ali, quando completou a graduação, a irmã diretora a convidou para ser coordenadora pedagógica do Colégio, “para implantar as coisas mais atuais, tinha mudado a lei, já tinha conselho de classe e eles não sabiam o que era, ninguém fazia, né. E ela queria dar uma modernizada”. E quando ainda estava no Estado “O prefeito Altair Guidi venceu a eleição, e aí a esposa dele, a Sandra, que foi na minha casa e me convidou... Foi me convidar para ser secretária”. Ela conta que pensou a respeito e decidiu aceitar, pois não tinha tido a experiência com a gestão pública.

Ela assumiu a nova função e atuou como gestora da Secretaria da Educação Municipal de 1989 a 1991, mas não era vinculada a partido político, e sua indicação para o cargo na gestão pública ocorreu em função da sua trajetória de educadora. Ela afirma que não saiu atrás disso, mas que “as coisas surgiam, não sei!”. Ocorreu a mesma coisa em relação à sua indicação para ocupar o cargo público na gestão do Prefeito Paulo Meller e Maria Dal Farra Napolini, oportunidade na qual foi Secretária da Ação Social e da Família por dois anos, de 1997 a 1998. Também não sabe de quem foi a indicação.

A professora Vera lembra da gestora que foi e da trajetória percorrida e, buscando em sua memória, discorreu sobre sua função no Colégio Michel, quando começou na coordenação. Conta que havia mudado a Lei (LDB) e tinha de estudar e implantar a nova Lei nº 5.692/1971: “Foi explicado o conselho de classe e juntos estudamos a Lei federal”. Ela relata que foram muito gratificantes os seus períodos em gestão e, por todos os lugares que passou, guardou boas recordações. Acredita ter feito algo de bom, pois ainda encontra pessoas que se lembram de alguma de suas atuações como gestora. Destaca a experiência de quando estava na gestão da Secretaria de Ação Social e da Família como muito rica, e pontua que, “como gestora, assim de uma maneira geral, eu procurei fazer com as pessoas que estavam ao meu redor o que eu gostaria que fizessem comigo, né”.

Ao observar a trajetória da professora Vera a partir da entrevista e das evocações que os objetos trouxeram, percebe-se que sua carreira profissional ocorreu num tempo de muitas transformações em sua área, que é a educação. Ela iniciou sua atuação como docente nos anos 1960 e encerrou em 2011. Isso significa que foram anos de atuação na docência e gestão em que muitas possibilidades de mudança ocorreram, pois nos anos 1960 existia um modelo educacional que começava a vislumbrar uma escola diferente, com um novo olhar para as pesquisas educacionais que direcionavam a educação para o século XXI, advindo, assim, a LDB e os PCN. Claro que esse também foi um período conflitivo para o país, para o mundo, e para a educação em particular. O tecnicismo buscava espaço de entrada e contava com o apoio do regime militar, por exemplo, em tensão com perspectivas mais críticas da educação. A professora Vera confirma, dizendo que ocorreram muitas mudanças de “legislação, de postura, de tudo. Foi bem interessante acompanhar isso”.

O desafio mais interessante narrado pela professora e ocorrido em sua trajetória aconteceu durante sua atuação como Secretária da Ação Social e da Família, em 1997, na gestão do prefeito Paulo Meller e da vice-prefeita Maria Dal Farra Napolini, em que enfrentaram uma situação de falta de recursos para atendimento de necessidades das crianças. Ela relata que no ano de 1997 havia 100 crianças que poderiam morrer por desnutrição, segundo a Secretaria de Saúde, e essas crianças precisavam de determinado tipo de leite, mas não havia recurso disponível no momento, por isso ela e sua equipe montaram um projeto para ser encaminhado às empresas. O projeto foi enviado para cinco empresas, mas somente uma retornou, “foi a empresa do Sr. Jorge Zanatta, a Imbralit, que disse que estava propensa a nos ajudar. Fomos conversar com Sr. Jorge, eu e a Neusa Mayer Vieira que era minha assessora. Ele nos recebeu muito bem”. Segundo ela, “enquanto estive na Secretaria nos anos de 1997 e 1998, ele atendeu ao nosso pedido”. E ainda colaborou mais, pois disse: “Eu não vou dar só o leite e o azeite, eu vou dar o ‘rancho’ para essas famílias, porque se o bebê não tem o que comer, os pais e os irmãos também não têm”.

Para Vera, a experiência como professora contribuiu para a atuação da gestora e explica: “É assim que eu consegui... Assim, eu nunca tive atrito com professor, ou de ter de chamar e tal”. Em situações em que precisasse interferir, conversava com o professor e orientava sobre outras possibilidades, sugerindo novos olhares. Ela conta que se sente realizada em sua atuação profissional quando olha para trás: “Muito, eu agradeço todas as noites porque tive todas essas oportunidades e deixar assim, né, boas lembranças”.

Numa confissão que não pode ser interpretada de modo algum como arrogante ou pretenciosa, mas com a consciência de quem desempenhou seu papel com excelência e que vivenciou transformações históricas, sociais, políticas, econômicas e educacionais importantes em sua trajetória e que essas transformações a constituíram em sua identidade, no seu fazer, no seu viver, a professora Vera responde que não mudaria a sua atuação, pois sempre deu o seu melhor.

A professora Rose Margareth Reynaud Mayr iniciou a entrevista narrando que a sua história docente se confunde com a sua história na

gestão. Ela relata que iniciou como professora durante o primeiro ano, na cidade de Mafra, onde morava, assim que terminou o magistério em 1974. Em suas memórias, ela relembra que ser professora era um desejo de seu pai, mas o seu sonho era ser engenheira agrônoma.

Professora Rose vai narrando sua história a partir dos lugares por onde passou e atuou, de forma organizada e quase linear em termos de temporalidade. Suas impressões de como se percebeu como professora estão em suas falas e memórias. Para ela, o importante é fazer bem-feito aquilo que se propõe a fazer, e ter a responsabilidade com o compromisso assumido: “Então se você está ali para alfabetizar, a criança tem que sair aprendendo a ler e escrever, não é?”. Ambas as professoras constroem suas identidades profissionais a partir de uma reconstituição do passado por meio da narrativa (HALL, 2005). A identidade se faz, como pontua Stuart Hall, pelo uso da memória e da linguagem.

Em sua reconstrução do passado, a que chamamos memória (HALBWACHS, 1990; BOSI, 1998), a professora Rose revela como a atenção ao outro está presente na prática do professor. É o diferente que importa (SILVA, 2014, 2013; HALL, 2005), pois é na relação com o outro (a alteridade) que se pode construir uma identidade, no caso, a de professor que se importa com a dimensão afetiva e emocional do aluno.

A trajetória da professora Rose sempre esteve envolvida com a educação, seja como professora ou gestora. No decorrer do tempo histórico e do contexto social e político, os cargos e funções profissionais da professora foram se alternando e construindo sua história que, muitas vezes, se confunde com a própria história de sua comunidade e de práticas profissionais, assim como de suas inter-relações. Afinal, as narrativas estão relacionadas com a memória coletiva, confirmando um senso de pertencimento a uma comunidade (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012). A memória individual opera em conjunto com a memória coletiva e dela depende para realizar seu intento de reconhecimento e reconstrução do passado (HALBWACHS, 1990).

A gestão iniciou no projeto Casulo do Bairro Santa Luzia, município de Criciúma, no início dos anos 1980, no qual desenvolveu concomitantemente atividades de coordenação e docência. E na sequência, foi orientadora da pré-escola, junto à professora Samira Casagrande, na Secretaria de Educação do município de Criciúma em 1984. Foi no decorrer desse tempo histórico e desse contexto que assumiu a coordenação das creches do município de Criciúma. “A Maria Helena me chama, esposa do José Augusto, para eu assumir a coordenação das creches da Afasc, e eu fico nesse trabalho de 1986 até 1992”. Já em 1991, na gestão do prefeito Altair Guidi, que construiu o CEI do Bairro Boa Vista e “precisava de alguém que tivesse uma experiência para coordenar uma escola que atenderia 500 crianças de 0 a 6 anos”, foi desafiada a colaborar com o projeto. E segundo a professora, “aquele CEI era uma estrutura de primeiro mundo”.

De agosto de 1994 a agosto de 1997 coordenou o Colégio de Aplicação da UNESC e, em 1997, assumiu a Diretoria de Graduação da Universidade. Em 2014, assumiu a Secretaria de Educação do município de Criciúma. Conforme pontua Halbwachs (1990), a memória está ligada

à vida atual da pessoa, seus relacionamentos, à sua realidade social. É o que também vemos aqui. Como observa Stuart Hall (2005), a memória do sujeito é construída no tempo presente, num determinado contexto histórico e social.

Sobre a sua experiência como gestora, ela destaca aspectos de sua prática profissional, enquanto esteve na Secretaria de Educação do município de Criciúma, bem como revela seus sentimentos em relação a esse fazer: “Então, tudo isso exigia muito assim, né. O desafio de trabalhar 14, 16 horas por dia, né. Porque se tu queres acompanhar realmente, né. É isso que tem de ser, né. Final de semana”. Ela conta que visitou todas as escolas, muitas vezes, durante o período em que esteve na secretaria. Visitava para conhecer as necessidades daquela escola, daqueles alunos, pais e comunidade.

Durante a narrativa da professora Rose foi possível identificar muitas mudanças que aconteceram, principalmente porque o ambiente escolar é dinâmico e muitas coisas acontecem dentro desse contexto. Se considerarmos somente a diversidade de espaços da educação em que a professora atuou, já se encontram vários exemplos de sua adaptação, de mudanças e de transformações. Em cada ambiente em que esteve foi preciso promover mudanças, transformações e adaptar-se ao que estava sendo construído.

E quando falou sobre quais foram os principais desafios enfrentados durante sua trajetória, a professora Rose evidenciou desafios enfrentados durante o período em que esteve na Secretaria de Educação de Criciúma, como a merenda escolar, a ameaça de paralisação dos motoristas de vans e ônibus escolares e, ainda, os incêndios ocorridos em 2015 no prédio da Prefeitura Municipal de Criciúma.

Ela acredita que a experiência como professora contribuiu para a atuação da gestora e afirma: “Eu não consigo ver a gestão separada de docência. Na minha cabeça não tem essa separação. Entende? É tudo uma coisa só. E sempre foi”. Ao olhar para trás, a professora Rose se sente realizada em sua atuação profissional e diz: “Eu me sinto realizada e eu me sinto de missão cumprida. Eu assim... Eu sou – até não sei se a palavra é – orgulhosa [...]”.

Percebe-se, então, que as professoras têm algumas semelhanças em suas narrativas, bem como algumas diferenças, tendo em vista que são pessoas distintas, com ideias próprias e pensamentos individuais que as constituem enquanto indivíduos. E, durante a pesquisa, pôde-se identificar algumas similaridades e diferenças.

A professora Vera trouxe os objetos que a descreviam em sua trajetória profissional e sua trajetória de vida, pois não são coisas separadas, apesar de distintas. Os objetos foram trazidos para auxiliar em suas lembranças e, assim, narrar as suas memórias. Bosi (2001, p. 441) argumenta que “são esses os objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com seu possuidor e se incorporam à sua vida: [...] Cada um desses objetos representa uma experiência vivida”. Por sua vez, a professora Rose fez outro uso de seus objetos, que no caso foram as imagens mostradas do incêndio na prefeitura de Criciúma, cujas fotos serviram para comprovar o fato ocorrido, para validar o seu registro de memória. Mais uma vez, Bosi

(2001) esclarece que a lembrança dos lugares, dos espaços, é um dos apoiadores da memória. A mesma ênfase está presente nos escritos de Halbwachs (1990), para quem o lugar e os objetos constituem o contexto fundamental para evocação das lembranças. As pedras das ruas, os sons, as construções, as pessoas, todas as sensações evocadas auxiliam no rememorar, no significar os acontecimentos do passado vivido.

Ambas têm visões semelhantes sobre o que é ser professor e concluem que o objetivo de sua profissão é ensinar, fazer o aluno aprender aquilo que é oferecido a ele, em termos de educação escolar, mas verificam-se atitudes particulares nos modos de agir, como no caso da professora Vera, que chegava a levar os alunos para casa para poder melhor ensiná-los.

A transição da docência para a gestão não foi programada. Aconteceu de modo imprevisto para as duas professoras, a partir de convites e desafios vindos das lideranças municipais. Ambas disseram não ter filiação a partidos políticos, porém isso não significa que não tivessem posicionamentos e atitudes políticas, principalmente em seus grupos e individualmente. Afinal, esta é uma questão muito subjetiva. Entretanto, em suas narrativas, expõem que foram indicações técnicas as que as levaram aos cargos de gestão, embora entendamos que a dimensão política nunca está ausente da vida do sujeito (HALL, 2005).

Durante a trajetória das professoras, as mudanças foram acontecendo, afinal foram muitos anos atuando e, com isso, puderam vivenciar desde a mudança de legislação na educação e mudança de atividades a mudanças políticas, as quais influenciaram em seu fazer e em suas atividades. Perceberam as mudanças ocorridas na cidade e em seu entorno, bem como o crescimento da região e tiveram a sua influência na educação da cidade e da região.

Cada uma trabalhou em uma gestão diferente na prefeitura, por exemplo. Foram gestoras em cargos semelhantes, relacionados aos problemas sociais e educacionais do município. Puderam deixar sua experiência como legado e conquistaram o respeito daqueles que trabalharam junto com elas. Relatam seus desafios com o sentimento de que fizeram o melhor que lhes foi possível, apesar das limitações existentes. E evidenciam que sempre priorizaram o ser humano, o profissional que estava ali, colaborando para o funcionamento daquela engrenagem dar certo. E nesse sentido, não têm arrependimentos. O colocar-se no lugar do outro, conversar, aproximar, são características mencionadas como utilizadas para poderem realizar melhor o trabalho. E, portanto, sentem-se realizadas. É no contexto das práticas sociais específicas que o sujeito é formado, que sua identidade é moldada (HALL, 2005).

Se pudessem, mudariam alguma coisa? A professora Vera diz que não, que fez o melhor sempre. A professora Rose, entretanto, diz que seria menos ingênua e que “na verdade, à medida que você anda você aprende. E quando você olha para trás e diz: ‘Olha, mas lá aconteceu isso. Se eu tivesse tido uma postura diferente né’”. De qualquer modo, o que fica de sua narrativa ela sintetiza no final da entrevista: “O trabalho, para mim, tem sinônimo de amor”.

As professoras entrevistadas demonstraram que a atividade docente, enquanto profissão, tem suas dificuldades, mas tem resultados positivos e, por isso, é muito gratificante. Como gestoras, perceberam os desafios que se apresentam para quem faz a gestão, no sentido de proporcionar a todos o melhor, não somente aos professores, mas principalmente aos estudantes e à comunidade escolar, pois o que for feito se refletirá no trabalho da equipe escolar, mas principalmente no futuro daqueles estudantes, daquela comunidade, enfim, da sociedade. Ou seja, tudo o que fizerem, independentemente do lugar que ocupam, vai afetar as pessoas, inclusive elas próprias, pois são seres humanos, e como tais, estão sempre em construção.

## Considerações finais

As trajetórias das duas professoras são diferentes, mas com similaridades que ocorrem dentro de um mesmo tempo histórico, num mesmo lugar, e que se entrecruzam em algum momento no contexto profissional. Suas trajetórias se mostraram tão marcantes e trouxeram memórias sobre fatos e acontecimentos que impactaram a comunidade das professoras.

Assim, como resposta à questão norteadora, que buscou delinear como ocorreu a trajetória profissional das professoras na transição entre a identidade docente e a atuação na gestão da educação, constatou-se que a trajetória profissional de ambas se deu de maneira espontânea, gradativa e sem um planejamento que determinasse uma meta futura, como quem dissesse “agora sou docente”, “agora sou professora”.

As professoras destacaram que não planejaram mudança para a atuação na gestão, ela ocorreu sempre a partir de convites de terceiros e que não fizeram qualquer planejamento prévio antes de tomarem decisão de participarem em seus respectivos trabalhos de gestão, mas isso foi algo feito posteriormente, a partir do contato com a realidade das instituições em que trabalharam. O que aconteceu em suas vidas como gestoras teve forte vínculo em suas práticas como educadoras, a partir de suas próprias experiências, ações e relações, e sem envolvimento com partidos políticos.

Dessa forma, a construção da identidade docente e da identidade profissional de gestora foi se dando a partir das vivências, experiências e no decorrer do tempo histórico, de modo que ambas se constituem como docentes e gestoras e com a percepção de que não se pode dissociar essas identidades profissionais, pois se complementam.

A partir desses expostos, considera-se alcançado o objetivo geral proposto, que buscou compreender como ocorreu a trajetória profissional das professoras pesquisadas na transição entre a identidade docente e a atuação na gestão da educação, a partir dos relatos de suas memórias.

Observou-se, a partir das entrevistas, que a identidade profissional de ambas, seja na docência, seja na gestão, esteve permeada pela postura do olhar para o outro e contribuir para sua formação enquanto aluno e enquanto cidadão, a partir de relações de alteridade, entendendo que é a partir do outro que se construíram e se constituem profissionalmente e como pessoas, e que foi assim que suas identidades

profissionais se formaram e as fazem ser quem são. Ambas as professoras também revelaram íntimo e pleno contato com a sociedade, com a comunidade escolar e com a comunidade mais ampla, no município, nos vários subúrbios da cidade.

Os objetivos específicos serviram para encontrar um caminho analítico, no qual se pôde verificar se, a partir das narrativas de memória, a experiência como professora contribuiu significativamente para a atuação na gestão em educação, e constatou-se que ambas as atividades estão imbricadas para essas professoras. Isso porque, enquanto gestoras, não há uma mudança relevante na identidade em relação à profissão de professor, pois são papéis sociais amplos, mas que estão inter-relacionados, lidam com pessoas, desempenham atividades formativas, educativas em sentido mais amplo e servem ao bem comum, à sociedade.

Finalizando, destaca-se que as narrativas de memória aqui apresentadas exteriorizam a voz e o verbo das vivências e experiências de tão importantes personalidades do nosso universo educacional e que, por isso, poderão trazer subsídios para pesquisas de aspectos sociais, culturais, educacionais, além de preservar a memória da educação e do fazer docente, por meio dos fatos narrados, disponibilizando aos leitores posteriores do trabalho, o acesso a aspectos da vida e do fazer docente, utilizados e vividos no passado em nossa região, para poder interpretar o presente.

## Referências

- BOHNEN, Neusa Teresinha. **A jornada do herói: a narrativa autobiográfica na construção da identidade profissional de professor**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia (GO), 2011.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 484 p.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- CANDIOTTO, Viviane Maria. **A construção identitária dos professores de dança clássica: um estudo sobre três artistas educadores**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma (SC), 2016.
- CAVALIERE, Gláucia de Cássia Magalhães da Silva. **A constituição da identidade profissional docente em contexto de diversidade: reescrevendo histórias de vida**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2009.
- CHUFFI, Fernanda Aleixo. **Identidade(s) docente(s), o sujeito-professor e suas escol(h)as: memórias, dizeres e fazeres de uma prática pedagógica**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto (SP), 2016.
- DIAS, Leandro de Bona. **Que raio de professoras são essas?: a representação da identidade docente nas obras de Fanny Abramovich e Ziraldo**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma (SC), 2017.

- GRAZZIOTIN, Luciane S. S.; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória**: reflexões metodológicas sobre História Oral. São Leopoldo: Oikos Editora, 2012. 112 p.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.
- MEDEIROS, Shirlene Santos Mafra. **Memória e Identidade Social da Formação Docente em Rio de Contas-BA, nas décadas de 1920 a 1960**: reminiscências das educadoras e educadores da Cátedra à Universidade. 2016. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista (BA), 2016.
- NÓVOA, António (org.). **Vida de Professores**. Porto: Porto Editores, 2000.
- OTTO, Clarícia. **Nos rastros da memória**. Florianópolis: NUP/SED/UFSC, 2012.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. 11. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013. 237 p.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 14. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014. 133 p.
- DATA DE ENVIO: 5 de outubro de 2021 | DATA DE APROVAÇÃO: 7 de fevereiro de 2023